

# PROGRAMA SENAI DE AÇÕES INCLUSIVAS

Com mais de 900 unidades operacionais, o SENAI segue incluindo pessoas no mercado de trabalho

O crescimento econômico do Brasil nos últimos anos vem sendo tema frequentemente verificado nas páginas dos jornais. Porém, na contramão desse cenário, manchetes dos mesmos periódicos, desde então, dão conta também daqueles fatores que interferem nesse crescimento e impedem que o País possa alcançar os mesmos níveis de desenvolvimento de outras grandes potências mundiais.

Atento a essas mudanças, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, ciente de sua responsabilidade e no papel de instituição de educação profissional e tecnológica, criou o Programa SENAI de Ações Inclusivas (PSAI), com a missão de orientar os departamentos regionais em ações relacionadas à inclusão profissional para o público vulnerável, a fim de contribuir para a inclusão no que se refere à educação profissional. Criada há uma década, a iniciativa propõe ações afirmativas, atuando na diversidade e apoiando diferentes grupos, com

ações em suas mais de 900 unidades operacionais presentes em seus departamentos regionais nos 27 estados do País.

A coordenadora do PSAI, Adriana Barufaldi, diz que o programa foi criado pelo fato de o SENAI ser peça importante para a indústria do País. “A realização desse programa foi motivada por duas questões: a primeira é a responsabilidade social do SENAI em incluir portadores de necessidades especiais (pessoas com deficiência, altas habilidades ou transtorno de espectro autista) e expandir os atendimentos para negros/índios, e a segunda é o comprometimento do SENAI com toda a perspectiva da diversidade, em relação a gênero, etnia, bem como a qualificação na educação profissional de pessoas acima de 45 anos e idosos.”

Adriana conta como o programa funciona, explicando que ele possui campos de atuação denominados *vertentes*, voltados para quatro

públicos distintos: Gênero, Etnia, Maturidade/Idosos e Pessoas com deficiência. A primeira vertente promove ações de inclusão profissional para mulheres em cursos profissionais tradicionalmente frequentados por homens, e vice-versa. Para ela, a iniciativa é de grande valor, pois ajuda a quebrar os estereótipos envolvendo a questão do gênero no mercado de trabalho.

“A mulher passou a ter um novo papel na sociedade, com uma nova conjuntura social, criando, dessa forma, uma demanda pela sua qualificação profissional. O SENAI também se reinventa, entendendo que as mulheres precisam se qualificar para todas as áreas tecnológicas e não para áreas específicas que eram voltadas para esse público, como costura, por exemplo.” Ela complementa que, hoje, verifica-se a presença da mulher em cursos como Solda, Mecânica Automotiva e Construção Civil, para citar alguns. “Esse foi o grande salto em relação a gênero”, comemora.



Já a vertente Etnia atua na oferta de capacitação profissional para o público vulnerável, desenvolvendo competências profissionais em prol da permanência do indivíduo em suas comunidades de origem, com sustentabilidade e valorização da sua cultura. É uma ação especialmente voltada àqueles que residem em comunidades quilombolas ou aldeias e que recebem capacitação em sua comunidade de origem. A coordenadora do PSAI considera que essa modalidade possui uma peculiaridade, já que boa parte dos alunos está distante das escolas do SENAI. Ela diz que todo o processo acontece de acordo com as demandas apresentadas e que, nesse caso, para atender a esses públicos, as escolas móveis são a solução. Quando e caso seja possível, os profissionais podem também ir para a cidade para participar das aulas.

A oferta de educação profissional para a Maturidade, associada às recomendações internacionais

sobre envelhecimento, atende a um público que saiu do mercado de trabalho precocemente e deseja retornar. “É preciso considerar que a proporção da população brasileira acima de 60 anos passou de 4,1% em 1950 para 8,6% em 2000. Portanto, altera-se a formulação de questões relacionadas a educação e formação, qualificação e requalificação profissional relacionada a essa população”, argumenta Adriana, ressaltando que, ao longo de sua história, o SENAI sempre se destacou como vanguarda no enfrentamento dos avanços tecnológicos e das mudanças conjunturais relacionadas ao processo de trabalho.

Adriana reitera que, além dessa vertente visar a atender a um público jovem que saiu do mercado de trabalho e quer retornar, a modalidade foi criada diante da concepção de que a população do País está envelhecendo, o que pode qualificar a mão de obra da indústria ainda mais. Contudo, a

coordenadora rebate a ideia de que a idade desses trabalhadores poderia interferir em seu desempenho, pois, segundo ela, houve avanços na questão da qualidade de vida, o que faz com que as pessoas possam ficar cada vez mais tempo trabalhando. Ela lembra que esse fato, inclusive, gera constantes discussões acerca da idade ideal para que homens e mulheres se aposentem.

Essa vertente se volta tanto para a qualificação quanto para a requalificação desses profissionais. “Temos pessoas que já saíram do mercado de trabalho e que, por algum motivo, estão retornando a ele. Pode ser que retornem para a mesma ou para uma nova função. No primeiro caso, o profissional será requalificado e, no segundo, terá que passar por uma qualificação”, avalia Adriana.

Por fim, para as pessoas com deficiência em fase de habilitação e trabalhadores em fase de reabili-

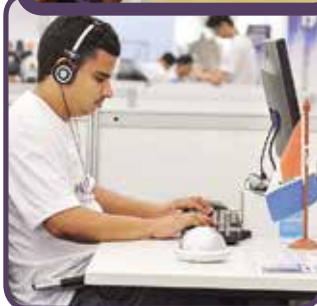


tação, a proposta é oferecer uma escola inclusiva em contextos da educação profissional que promova a acessibilidade comunicacional, programática, metodológica, arquitetônica e atitudinal, visando ao acesso, à permanência e ao sucesso no mundo e no mercado de trabalho.

O Departamento Nacional do SENAI tem orientado as unidades operacionais para a realização de uma educação profissional inclusiva, que permita a qualquer indivíduo, independente de sua deficiência, frequentar os cursos, por meio de adequações que oportunizem a autonomia e a aprendizagem significativa. A coordenadora revela, ainda, que essa vertente conta com uma articulação com o SESI, na busca por facilitar a inclusão desses trabalhadores nas empresas. “As corporações entram no projeto como parceiras no processo de inclusão. Temos um compromisso com a indústria, que é auxiliá-la na formação de profissionais mais bem preparados”, diz Adriana, completando que as pessoas com deficiência hoje são inseridas em todos os cursos, desde que essa inclusão seja realizada em parceria com o Grupo de Apoio Local (GAL), que analisa as adequações que precisam ser realizadas em relação ao currículo e aos apoios necessários.

### Na prática

O SENAI possui diferentes níveis de modalidades, que vão desde qualificação, aperfeiçoamento e aprendizagem industrial a técnico e superior de tecnologia. Adriana conta que os cursos são oferecidos de acordo com a vocação de cada uma das regionais. “As regiões possuem suas próprias características no que







diz respeito ao seu campo de atuação, então as áreas possuem polos de desenvolvimento que se voltam mais para alguns campos do que para outros. Dessa forma, as ofertas acontecem de acordo com essas demandas”, revela Adriana. Os cursos de qualificação têm o tempo mínimo de 160 horas, e a carga horária dos técnicos pode variar de 800 a 1200 horas, dependendo do eixo tecnológico a que se vinculam. O objetivo é não só dar ao aluno a formação profissional, como também contribuir para o crescimento dessas pessoas em todos os aspectos.

“Nossos cursos têm uma base tecnológica, mas prezam pela formação global dos profissionais. A metodologia do SENAI se baseia em competências e existe exatamente para formar e qualificar nossos alunos muito além da formação técnica. O objetivo é muito maior que esse, já que ela considera fatores socioeconômicos e valoriza o capital humano das organizações, buscando uma contínua apreciação da qualificação diferenciada”, encerra a coordenadora, lembrando, ainda, que o mercado exige, cada vez mais, profissionais que não só dominem o conteúdo técnico, mas também tenham capacidade crítica, habilidades para atuar em equipe e, principalmente, criatividade frente a questões desafiadoras.

O Programa SENAI de Ações Inclusivas tem sido reconhecido nacionalmente como uma ação que, por meio da CNI e da direção do SENAI, proporciona a criação e a difusão de metodologias que atendem ao público vulnerável, cumprindo assim o princípio de fazer educação profissional inclusiva. ■